

A arte como expressão e elaboração da angústia

Bruno Guilherme Cadena Pereira Lima 1*, Ester Cecília Barros de Sena 2*,

Manuela Cecília Freire de Melo 3*, Claudia Simonne Carneiro Gouveia 4*

¹Graduando em Psicologia, Centro Universitário Brasileiro, Brasil. (bruno.guilherme361@gmail.com)

²Graduanda em Psicologia, Centro Universitário Brasileiro, Brasil. (estersena1603@gmail.com)

³Graduanda em Psicologia, Centro Universitário Brasileiro, Brasil. (manuelamelo287@gmail.com)

⁴ Mestra em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. (claudia.gouveia@grupounibra.com)

RESUMO

Este artigo tem o interesse em compreender as discussões no que tange a arte, Psicologia e Psicanálise, e como através dela o sujeito fala de si e elabora suas angústias, ou questões que não foram elaboradas na infância, considerando a subjetividade do processo de cada sujeito. Com o objetivo de alcançar melhores resultados, fez-se necessário dividir a temática em grupos, pensando a arte e a sua relação com a Psicologia, aprofundando o tema em conjunto com a percepção psicanalítica sobre o mundo artístico, reverberando também para a contribuição da saúde mental no Brasil. A pesquisa foi feita com base em 25 artigos, a qual utilizou-se o método de revisão bibliográfica, optando pela pesquisa qualitativa. Considerando o que foi abordado, pôde-se concluir que a arte é um instrumento terapêutico e pode ser um meio facilitador para as questões mal elaboradas, que encontram nas vias artísticas, a possibilidade de expressão e ressignificação. É justamente devido à relação, que foi vista a influência e relevância dessa prática para a saúde mental do indivíduo, que se beneficia dos efeitos do campo artístico para o seu bem-estar psíquico.

Palavras-Chaves: Arte, Psicologia, Psicanálise, Saúde Mental.

Art as an expression and elaboration of anguish.

ABSTRACT

This article aims to understand the discussions concerning art, Psychology, and Psychoanalysis, and how, through art, the subject expresses aspects of the self and works through anxieties or issues that were not elaborated during childhood, taking into account the subjectivity of each individual's process. In order to achieve more robust results, it was necessary to divide the theme into thematic groups, considering art and its relationship with Psychology, while further deepening the discussion through a psychoanalytic perspective on the artistic field, also highlighting its contribution to mental health in Brazil. The research was based on 25 articles and employed a bibliographic review method, adopting a qualitative research approach. Based on the material analyzed, it can be concluded that art functions as a therapeutic instrument and may serve as a facilitating means for poorly elaborated issues, which find in artistic pathways the possibility for expression and resignification. It is precisely through this relationship that the influence and relevance of this practice for the individual's mental health become evident, as individuals benefit from the effects of the artistic field on their psychological well-being.

Keywords: Art, Psychology, Psychoanalysis, Mental Health.

1. Introdução

As criações artísticas e o seu consumo mostram-se como uma ferramenta de cuidado à saúde mental desde o século XII, permitindo a construção de novas possibilidades, bem como o autoconhecimento. A arte, então, é vinculada à clínica do cuidado, onde, por meio do que é produzido, o sujeito pode expressar a subjetividade presente em um sofrimento psíquico profundo e elaborar a angústia através de reproduções artísticas, externalizando suas emoções e sentimentos e contribuindo para a melhora do seu estado psicológico.¹ Neste caso, ocorre uma satisfação inconsciente desse sentir que foi reprimido, permitindo a integralidade entre o campo psíquico e o meio artístico, que são abordados pela teoria psicanalítica freudiana.²

A literatura busca esclarecer de que modo um sujeito afeta e é afetado pelo que absorve das produções culturais e sua relevância em sua própria constituição, como é visto no processo criativo, repleto de desejos daquele que produz.³ Os estudos freudianos buscaram evidenciar se é, de fato, possível que a arte seja terapêutica.² Assim, Freud dialogou com o campo da arte, percebendo que as questões psicológicas estão profundamente presentes por meio da realização de uma satisfação inconsciente no ato da criação artística, que demonstra uma espécie de irrepetibilidade própria do ser humano, indicando sua singularidade e a relação existente entre obra e autor. Nesse processo, há um tipo de prazer lúdico que, assim como nos sonhos, realiza movimentos de deslocamento e condensação, podendo permitir ressignificações do mal elaborado por meio desse investimento psíquico em um ato artístico.⁴

Foram encontradas, na teoria psicanalítica, possibilidades teóricas e práticas de conciliação entre o contexto artístico e sua influência na vida de um sujeito. Uma obra de arte, por exemplo, é capaz de induzir aquele que a contempla à criação de um laço de identificação, tanto com o que se expressa na obra quanto com o contexto cultural em que ela está inserida, como pode ocorrer com refugiados ao observarem quadros que representam fuga, sobrevivência e solidão.⁵

Nesse caso, a arte e a psicanálise trabalham juntas, atuando como um auxílio na exploração do inconsciente, com o objetivo de trazer à consciência os conteúdos reprimidos. Em uma análise freudiana, as expressões artísticas contribuem para a investigação da constituição do sujeito que, de algum modo, não foi indiferente àquele estímulo, sendo dever do analista respeitar a peculiaridade do paciente. Além dessa contribuição investigativa, a própria produção artística apresenta efeitos terapêuticos no que diz respeito ao alívio de conteúdos reprimidos que buscam vias de satisfação, no caso da arte, de modo ético. A dinâmica dessa descarga é semelhante à catarse, atuando como um mecanismo de defesa psíquico chamado sublimação, que converte certos impulsos, direcionando-os para atividades socialmente aceitas.⁶

O presente estudo visa, por meio de uma revisão bibliográfica, explorar e relacionar as vias artísticas e seus efeitos sob a perspectiva da Psicologia e da Psicanálise. Nesse sentido, a atividade criativa é

compreendida como um recurso terapêutico, pois nela ocorre a conversão de impulsos agressivos e sexuais em atividades socialmente aceitas, contribuindo para o equilíbrio psíquico.⁷ A expressão artística tem a capacidade de auxiliar na elaboração de traumas, ao convidar o sujeito a explorar novos caminhos afetivos, bem como as possibilidades de nomeação de uma angústia, por meio do consumo e da produção artística.⁵

2. Material e Métodos

2.1 Arte para a Psicologia

A arte e o processo terapêutico se entrelaçam desde o século XII, indo além das obras de arte e manifestações culturais. Passou a ser estudada como recurso terapêutico, utilizado por intermédio da música, das pinturas e da dança, nos hospitais do mundo árabe, como forma de aliviar o sofrimento psíquico. Logo após, por meio das expressões artísticas, a elaboração de complexos psicológicos, como o estado de angústia, através das sensações, dos sentimentos e da identificação, começou a ser estudada com o objetivo de compreender, de maneira simbólica, a atuação do psiquismo.¹

Mais tarde, por volta do século XIX, a arte começou a ser estudada de maneira mais profunda, por intermédio da Psiquiatria, da Psicanálise e da Psicologia, introduzindo assim os estudos sobre arteterapia, que buscavam uma via terapêutica através das artes. Surgiram, então, alguns autores que iniciaram suas investigações sobre o tema.

Nesse período, Sigmund Freud deu início aos seus estudos, entendendo a arte como uma sublimação dos desejos sexuais pela via da comunicação. Ele destacou que o inconsciente se manifesta por meio dessas representações artísticas, tendo em vista que, neste percurso, elas escapam da repressão social, permitindo compreender conteúdos que provavelmente não seriam expressos no setting terapêutico.⁷ Deste modo, postulava que, através dessas vias artísticas, o sujeito liberava verdades essenciais do seu psiquismo.⁸

Esse campo de pesquisa permite mostrar o quanto do sujeito existe na arte que ele próprio elabora, e a forma como o psiquismo trabalha os conteúdos reprimidos, mascarando-os, mas permitindo que escapem pela via artística. Os sonhos ilustram isso bem, sendo produções oníricas de um sujeito, o que significa que nunca são imagens indiferentes ou fruto do acaso, mas sempre apresentadas sob formas simbólicas, como em uma linguagem poética.⁸

Nesse sentido, a arte tornou-se uma via de acesso à subjetividade que vai além da comunicação verbal, atuando no processo terapêutico como um recurso para promover o autoconhecimento, a expressão emocional e a ressignificação de experiências internas de forma segura. Por meio de criações como desenhos, esculturas e pinturas, o indivíduo externaliza sentimentos e conflitos, fortalecendo sua identidade e autonomia.⁷

Na Psicologia, percebe-se, através das expressões artísticas, um lugar no qual o sujeito se distancia dos seus problemas e preocupações, entrando em contato com aquilo que o acalma e, conseqüentemente, com suas emoções e sentimentos.¹ Deixa-se a imaginação livre para criar, semelhante ao método de associação livre, que consiste em uma técnica que permite ao paciente falar tudo o que vem à mente sem censuras ou filtros, comunicando verbalmente tanto os sentimentos quanto os pensamentos. Desse modo, o paciente desvenda, por si só, os símbolos e significados, com a participação do psicoterapeuta.⁷

Na Psicanálise, podem-se analisar certas figuras e representações que possuem um contexto próprio nos sonhos, conforme postulado por Freud, segundo o qual as expressões fantasiosas emergem proporcionando uma reorganização do inconsciente de forma criativa.

Do mesmo modo, isso acontece na arte, que é repleta de criações singulares, produzidas por um sujeito que investe nessa ação na tentativa de expandir uma mensagem, um sentimento e até mesmo perpetuar as questões culturais do meio em que vive.¹ O artista se vale das fantasias frente à realidade, como nas imagens oníricas que são livres da razão e não cópias absolutas do real, podendo haver apenas alguns elementos dele. Portanto, na arte é possível ir muito além do socialmente esperado, em razão da genialidade e sensibilidade do criador.⁸

2.2 *Freud, arte e o processo criativo*

Freud sempre foi um admirador das artes e, em sua trajetória de vida, foi um colecionador de livros e esculturas, as quais preenchiam seu consultório, chamando a atenção de seus pacientes. Apreciava romances como os de Shakespeare e Goethe, citados mais tarde em sua obra *A Interpretação dos Sonhos*. Utilizava a literatura e a escrita poética como objetos de estudo, a partir dos quais elaborava suas teorias.⁸

Para além da literatura, Freud também aprofundou seus estudos analisando obras como as de Leonardo da Vinci. Diante disso, é importante compreender que o papel do analista seria o de implicar os símbolos ali encontrados em aspectos subjetivos da vida do artista. Ele elaborou que o artista instiga o psicanalista a desenvolver teoricamente a conversão dos impulsos sexuais em capacidade intelectual, expressa por meio da produção artística. Nessa circunstância, o trabalho de Da Vinci forneceu material essencial para o avanço dos estudos freudianos, contribuindo conceitualmente para a construção da temática da sublimação e para a introdução do conceito de narcisismo.²

Diante do exposto sobre os estudos freudianos em relação ao modo criativo, há uma compreensão similar à que advém dos sonhos, ressaltando também que, assim como nos sonhos, as obras de arte são passíveis de mais de uma interpretação, considerando a forma como o conteúdo é apresentado e o trabalho realizado entre o autor e a análise.⁸ Por conseguinte, utiliza-se da fantasia e da sublimação para organizar a própria realidade psíquica de maneira criativa, analisando o destino pulsional através da sublimação.³

A fantasia na criação artística está relacionada aos destinos das pulsões: o sujeito, com a necessidade de satisfazer o corpo erógeno, encontra uma forma de deleitar seus desejos através do processo criativo.³ Por meio da sublimação, canalizada pela arte, traz à tona conteúdos que seriam inaceitáveis, colocando-os em prática pela via da criatividade. Isso articula uma fluidez na pulsão, proporcionando um manejo significativo para trazer o conteúdo inconsciente à tona.⁹ Nesse sentido, o sujeito expressa seus desejos de maneira mascarada, sob a forma de quadros, músicas ou peças teatrais, entregando assim, por meio do simbólico, a realidade psíquica na qual vive.³

Para a Psicanálise, a sublimação através da arte é um dos destinos da pulsão. Aborda-se a pulsão como uma força constante, algo em germinação, uma fonte inesgotável de energia que nos coloca em movimento o que Freud denominou *Trieb* (pulsão), situada no limite entre corpo e mente. Trata-se, contudo, de uma tentativa de, por meio da fantasia, alcançar uma forma de satisfação, evitando a angústia. Não existe uma regra geral para todos: cada sujeito deve desvendar, de modo singular, a maneira pela qual pode ser “salvo”.⁹

Na literatura psicanalítica, como dito inicialmente, o artista, para Freud, cria uma realidade alternativa na qual escoa sua pulsão, encontrando um meio de ser através da sublimação dos personagens e da realidade vivida na ficção, interpretando o mundo de acordo com suas fantasias e, assim, desviando-se do mundo exterior.¹⁰

2.3 Arte e Psicanálise como ferramenta terapêutica

É por meio dessas expressões artísticas que o sujeito pode criar laços, transmitindo a própria história e, ao mesmo tempo, sendo afetado pelos diversos sentidos apreendidos na obra contemplada. Na literatura científica, encontram-se diversos relatos sobre a relação entre a melhora do estado psíquico e a absorção da arte e do contexto cultural até mesmo entre refugiados, que encontram acolhimento e sentido nessas possíveis vias de elaboração do traumático.⁵

Durante as experiências vividas ao longo da vida, cada pessoa é atravessada de diferentes formas, podendo lidar bem ou não com o conteúdo vivenciado. Para Freud, o ego é a instância que concilia a realidade externa e interna, tendo o dever de autoconservação e de mediação das questões advindas do superego instância psíquica responsável pelas concepções morais e regras, influenciadas desde a primeira infância pelas figuras responsáveis e pelo contexto social em que o sujeito vive. O id, por sua vez, diferencia-se do superego pelo seu conteúdo, manifestando-se como uma herança desde o nascimento; sua principal característica são os impulsos irracionais, que fazem constantes exigências ao ego. Quando a afetação tem caráter negativo, como a angústia, existe a possibilidade do desprazer, da evitação e da tentativa de sublimação surgindo como uma elaboração e uma necessidade de reorganização daquilo que aparece como insuportável, funcionando como um modo de proteção psíquica e de existência frente aos estímulos.⁶

A análise psicanalítica se apresenta como uma tentativa de travessia do mal elaborado em direção à organização, o que, em termos psicológicos, corresponde ao percurso do inconsciente à consciência, conceitos essenciais à psicanálise freudiana. Utilizando suas técnicas e compreensões, a psicanálise pode transformar o que era reprimido e resistente por uma espécie de força opositora comumente simbolizada como uma barreira em conteúdo consciente e refletido, possibilitando maior autonomia ao sujeito.¹¹

2.4 As vias artísticas e a elaboração da angústia

A arte se mostra como uma via que pode ser explorada nessas situações, nas quais o sujeito se encontra em um labirinto existencial, que lhe traz uma vaga sensação de falta de sentido acerca da sua existência e experiência no mundo. Observa-se que a criação artística tem a capacidade de suscitar uma espécie de consciência intercultural⁵, resultando em uma vasta malha simbólica ou seja, a capacidade exclusivamente humana de conceitualizar e raciocinar para além da primeira imagem sensível, construir metáforas e compreender realidades transcendentais, devido a um repertório simbólico que auxilia as compreensões e imagens mentais, mesmo na ausência do objeto¹² induzindo autonomia e, até mesmo, criatividade por meio da expressão artística. Essa, por sua vez, envolve o sentido atribuído à representação dos afetos, podendo criar caminhos para o escoamento dos mesmos.¹³

Ao perceber-se em uma obra como ao se identificar com a história de um ator em uma peça teatral ou até mesmo em um trecho de música ocorre um ato de projeção, que é a identificação com a própria história. Sentindo-se representado por aquilo que lhe é exposto, o sujeito pode, por meio das palavras, expressar e contornar o indizível do trauma, na tentativa de nomear aquilo que fora insuportável em algum momento de sua vida.¹⁴

A angústia, para a Psicanálise, apresenta-se como uma questão basilar e conflituosa, sendo também constituinte e inerente ao sujeito. Trata-se de um estado afetivo diante de inúmeras exigências pulsionais ao ego, que nem sempre é capaz de dar conta e deve lidar com a falta, submetendo o indivíduo à sensação de desamparo termos constantemente vistos sob a ótica psicanalítica.¹⁵ Essa questão pode ser ilustrada pelas obras de Frida Kahlo, nas quais a artista representava suas angústias e impossibilidades por meio da expressão artística. Um exemplo é a obra *Hospital Henry Ford (A cama voando – 1932)*, em que expressa, por meio da pintura, a perda do seu segundo filho, consequência das perfurações causadas pelo acidente que sofreu e que a impediram de sustentar suas gestações.¹⁶

Entre a arte e a angústia, é possível encontrar uma via singular para além da clínica tradicional e da ordem do diálogo que amplia a possibilidade de o sujeito se expressar e converter o que é reprimido em ação. Por meio de uma peça teatral, por exemplo, o artista busca sublimar sua angústia, de modo inconsciente, transformando-a em algo que lhe seja prazeroso. Isso pode se tornar um conteúdo dramático, no qual ele

alimenta o próprio ego, criando personagens heróicos, combatentes de algum mal. Assim, beneficia-se de uma atividade socialmente aceita como a arte teatral onde atua e, ao mesmo tempo, sublima, fortalecendo a cultura, a sensação de pertencimento e a segurança da própria identidade.¹⁰

Como precursora da arte terapêutica no Brasil, Nise da Silveira, médica psiquiatra, encontrou nessa via uma forma humanizada de cuidado com os pacientes psiquiátricos.¹⁷ A médica não compactuava com os modelos tradicionais da época, por serem violentos e desumanos. Assim, compreendia que a arte poderia ser extremamente útil, na medida em que se constituía como uma forma de expressão e cuidado, considerando a dignidade do paciente.¹ Durante sua trajetória, fundou ateliês que exibiam os materiais artísticos criados por seus pacientes, como pinturas. Durante o processo, o tratamento desses indivíduos que utilizavam as artes como recurso terapêutico estimulava uma reconstrução simbólica e subjetiva dos conteúdos internos desses sujeitos.¹⁷

3. Resultados e Discussão

Dentro da Psicologia, há um leque de várias abordagens, neste sentido, falamos da arte com a luz da Psicanálise e quais são suas implicações no sujeito que cria e aprecia. Sendo assim, exigindo uma organização minuciosa, voltada para o processo criativo, suas interpretações e as formas de atravessamento no sujeito. Dessa maneira, as subseções que foram apresentadas, mostram o processo da coleta, e dos assuntos trabalhados. A seguir, a tabela com os artigos coletados, os quais desenvolveram a discussão do presente estudo.

Título do Artigo	Ano de Publicação	Sobrenome dos Autores	Revista/Periódico	Grupo da Análise
CAPS, ateliês e oficinas: artes no mundo, mundos na arte.	09/04/2020	Flávia de Macedo Cavallini.	Fractal, Rev. Psicol	Contribuição das artes para a Saúde mental no Brasil
Experiências e apontamentos para a pesquisa em psicologia baseada nas artes.	17/04/2020	Roberta Stubs, Fernando Teixeira Filho e Dolores Galindo.	Psicol. Soc. 32 2020	A Arte como possibilidade na psicologia.

Estudo controverso permitiu a Freud pensar a Psicanálise com Da Vinci.	30/11/2020	João A Frayze-Pereira	Revista Brasileira de Psicanálise	A percepção psicanalítica sobre o mundo artístico
A irrepetibilidade da arte.	16/09/2020	Morgana Rech e Estevan de Negreiros Ketzer	Psicol. USP 31	A percepção psicanalítica sobre o mundo artístico
Trauma e Arte: do vazio à elaboração de sentido.	15/10/2020	Esperidião Barbosa Neto	Revista Subjetividades, [S. l.], v. 20, n. 2	A percepção psicanalítica sobre o mundo artístico
Narrativas memorialísticas e arte na cena da pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais	11/04/2022	Andréa Máris Campos Guerra, Jacqueline de Oliveira Moreira, Ana Carolina Dias Silva	Psicol. Estud. 27	A percepção psicanalítica sobre o mundo artístico
Ferenczi e a constituição das formas de expressão.	14/01/2022	Leonardo Câmara e Regina Herzog	Psicol. USP 33	A percepção psicanalítica sobre o mundo artístico
A arte na (re)construção da identidade de adolescentes em uma escola do campo.	28/02/2022	Elizabeth Antônia, Suzana Rocha e Maria Isabel.	Psicol. Esc. Educ. 26	A Arte como possibilidade na psicologia.
A Arte no contexto de promoção à saúde mental no Brasil.	18/03/2022	Caroline Guerreiro, Isadora Ribeiro Meine, Liliane Tomazi Vestena, Luciana de	Research, Society and Development, [S. l.], v. 11, n. 4	Contribuição das artes para a Saúde mental no Brasil

		Andrade Silveira, Manoella Preuss, Félix Miguel Nascimento Guazina.		
Psicologia da arte: a arte de Frida Kahlo na formação do psiquismo de sob a perspectiva histórico-cultural de Vigotski.	14/06/2022	Ana Ignez Belém, Edjôfre Coelho de Oliveira e Suzanne Rocha Bandeira.	Revistas Tempos e Espaços em Educação	A Arte como possibilidade na psicologia.
Visita a exposições artísticas: considerações acerca da recepção estética.	01/08/2022	Liah Cavalcante, Flavia Liberman e Maurício Lourenção Garcia	Fractal, Rev. Psicol. 34	Contribuição das artes para a Saúde mental no Brasil
Sublimação: um possível contorno para o mal estar contemporâneo.	31/08/2022	Marcio Garrit, Vivian Reis	Saber Acadêmico n 34	A percepção psicanalítica sobre o mundo artístico
Corpo, arte e loucura em Arthur Bispo do Rosário	28/11/2022	Zaeth Aguiar do Nascimento, Avelino Aldo de Lima Neto, Terezinha Petrúcia da Nóbrega.	Psicol. USP 33	A percepção psicanalítica sobre o mundo artístico
Elaborações do traumático através da arte: refúgio cultura e memória.	12/12/2022	Lucas de Oliveira Alves, Lucienne Martins Borges, Ana Lúcia Mandelli de Marsillac.	Dossiê: Arte, migração e transformação • REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum. 30 (66)	A percepção psicanalítica sobre o mundo artístico

Freud, Winnicott e a Criatividade	Jan/Jul/2023	Ariane F. Severo	Pensamento Contemporâneo–Psicanálise e Transdisciplinaridade (Vol. 3, n.1, Jan/Jul 2023)	A percepção psicanalítica sobre o mundo artístico
Arte, Direito e Psicologia na trajetória de Nise da Silveira e seus reflexos na luta antimanicomial.	06/01/2023	Raíssa Eduarda Alves Moreira e Rafael Lazzarotto Simioni	REVISTA ELETRÔNICA DA GRADUAÇÃO DA FACULDADE DE DIREITO DO SUL DE MINAS v.5.n.2	Contribuição das artes para a Saúde mental no Brasil
A posição da poesia na teorização freudiana: o ato do poeta entre o particular e o universal	07/04/2023	Pedro Fernandez de Souza.	Ágora (Rio J.) 25 (3)	A percepção psicanalítica sobre o mundo artístico
Arte-testemunho em Nazareth Pacheco	31/07/2023	Sandro Leite e Ida Kublikowski	Psicol. Soc. 35	A Arte como possibilidade na psicologia.
Arte, expressão e terapia: uma revisão de literatura na promoção da saúde mental	28/11/2023	Camilla Souza Monteiro, Bruno Feital Barbosa Motta	Cadernos de Psicologia, Juiz de Fora, v. 6, n. 10, p. 317-335, jan./jun.	A Arte como possibilidade na psicologia.
Arte como estratégia de cuidado para a saúde mental.	30/11/2023	Elisabete Agrela de Andrade e Mônica de Fátima Freires da Silva	Revista Eletrônica De História Social Da Cidade, (30), 108–125	Contribuição das artes para a Saúde mental no Brasil

A relação da arte e vida em vigotski: uma análise conceitual	01/12/2023	Lucas Dias Rebello de Carvalho e Alex Moreira Carvalho	Psicol cienc prof	A Arte como possibilidade na psicologia.
A questão das emoções e da vivência estética: o diálogo entre Vigotski e Stanislávski em torno da psicologia do ator.	04/12/2023	Priscila Nascimento Marques e Diego Moschkovich	DOSSIÊ “Desenvolviment o humano, drama e vivências: Vigotski e a questão da psicologia da criação pelo ator” • Pro-Posições 34	A Arte como possibilidade na psicologia.
O papel dos símbolos artísticos em Susanne Langer e Nise da Silveira	28/12/2023	Dimas José de Oliveira	Annales Faje, [S. l.], v. 8, n. 2	A Arte como possibilidade na psicologia.
Em psicanálise, a angústia tem lógica? Introduzindo uma leitura lógica modal da angústia na direção do tratamento.	15/11/2024	João Pedro Queiroz	Revista de Psicanálise Stylus, [S. l.], v. 1, n. 49	A percepção psicanalítica sobre o mundo artístico
Fantasia, Sublimação, Criação artística: interações entre psicanálise e arte	12/12/2024	Lucas Achilles Kerber, Luíza Bernardini Ferrari, Vinicius Polidorio de Queiroz	Revista Contemporânea, [S. l.], v. 4, n. 12	A percepção psicanalítica sobre o mundo artístico

Houve uma coleta de dados, a qual foi necessária para as pesquisas de temas e artigos que fossem relacionados à temática em questão, em conjunto com as palavras-chave utilizadas. Durante o processo,

percebeu-se a necessidade de excluir alguns artigos e pesquisar outros que contribuíssem com o objetivo da pesquisa, buscando especificamente, as questões sobre a criação artística como um processo de manifestação psíquica, que contém muito do sujeito que a cria e de sua história.

3.1 A arte como possibilidade na Psicologia.

Os artigos foram escolhidos na medida em que contribuíram nas temáticas relacionadas às expressões artísticas pela ótica da Psicologia, Psicanálise e da Saúde Mental. Para Carvalho e Carvalho, quando a Psicologia começou a estudar o campo artístico, se esquivou do seu campo histórico da filosofia, buscando compreender melhor a subjetividade do sujeito através de outras vias de expressão, como a arte.²⁰ Os conteúdos trabalhados no presente artigo foram de grande auxílio para a constatação dos efeitos terapêuticos que a arte pode proporcionar ao paciente, considerando-a um instrumento promissor, destacam Monteiro e Motta.⁷

Em uma síntese deste estudo construído, é percebido que diversos autores abordam e exaltam a vertente artística como caminhos de intervenções. Martines e Azevedo afirmam que os recursos artísticos possibilitam ao sujeito refletir e (re)construir um discurso sobre sua existência e construção do self, suas divergências, traumas e lutos, oferecendo uma oportunidade de fortalecimento da sua identidade.²¹ Mediante as pesquisas, houve a compreensão de que isso é realmente possível, devido ao fato de essas expressões estarem imbuídas de emoções e vivências singulares de quem as produz, ressalta Oliveira em seu artigo.²²

Evidenciam Leite e Kublikowski que a arte se manifesta na sua execução, na invenção, porque é essencialmente única e subjetiva; portanto, atravessa profundamente tanto o artista quanto o telespectador, identificando-se nos aspectos existenciais que a expressão induz, como reflexões e angústias. O sujeito passa a ser mais autônomo na medida em que se abre a essas experiências e se aproxima de quem realmente é, quando é coerente com suas respostas às questões que lhe são apresentadas.

Leite e Kublikowski argumentam que o conceito de arte disturbacional demonstra a maneira como o sujeito sente no processo criativo, tornando sua obra genuinamente humana, tendo como objeto o sofrimento e o corpo, colocando a própria realidade como obra: um corpo dilacerado, a dor, o medo, a morte, trazendo uma maior conexão entre o autor e o espectador. Tendo em vista a contradição de que as dores não conseguem ser mensuráveis (não encontram um objeto externo), os mesmos também esclarecem no artigo que o sujeito sublima essa dor por meio de uma fantasia/metáforas que contornam essa angústia, nomeada de arte-metáfora.²³

Marques e Moschkovich defendem que Vygotsky (1896-1934) descreve as obras de artes como um conjunto de estímulos que podem resultar em reações daqueles que as consomem, por causa do contato com o objeto estético. Essa manifestação é denominada reação estética, também podendo ser nomeada vivência

estética, experiência essa que envolve a emoção e a fantasia, desencadeada pela contemplação da obra. Deste modo, ele não pensa apenas no artista que coloca na sua arte toda uma estrutura psíquica que revela sua história de maneira inconsciente, mas também toca no sentir do sujeito que aprecia, estabelecendo um sentido social à Psicologia da Arte. Portanto, é preciso prevalecer a criatividade diante dos próprios sentimentos, experimentar a catarse e, desse modo, a arte em sua plenitude terá atravessado essa pessoa, conclui o artigo.²⁴

Parte do que foi citado anteriormente pode ser exemplificado através das obras de Frida Kahlo, citadas por Lima, Oliveira e Bandeira, argumentando que a artista tinha uma relação com a arte, a qual foi bastante estudada pela Psicanálise. Em sua primeira obra, Frida faz um autorretrato, e em outros trabalhos artísticos relata diversos episódios de sua vida, como suas fraturas sofridas em um acidente de carro, relacionamentos e até mesmo um quadro que fala sobre os três filhos que perdeu. Frida tinha um desejo profundo em ser mãe, mas, devido à gravidade do acidente, sofreu perfurações no corpo que a impossibilitavam de sustentar a gravidez. Suas obras retratavam sua vida, suas angústias e fantasias, de tal forma que aqueles que entrassem em contato com a obra poderiam gerar suas próprias fantasias e emoções, assim como refletir sobre a complexidade do psiquismo humano.¹⁶

As atividades artísticas se valem de um processo que integra uma investigação teórica, a sua parte prática e estética, defendem Stubs, Teixeira-Filho e Galindo. O resultado desse conjunto, em uma expressão artística, é capaz de suscitar certas sensações; ao sermos tocados pelo campo sensível da arte, nos abre para um universo conceituado de cosmos infinitos, onde residem as subjetividades do corpo, objetificando aquilo que não foi dito, transformando em arte o sintoma pelo qual se vive, ampliando a capacidade de afetar e ser afetado.²⁵

Posto isso, após diversas pesquisas e leituras, conclui-se a compreensão da profunda relação entre o campo artístico e sua influência na subjetividade do sujeito através da imaginação, mais especificamente na maneira como ele produz e se deixa tocar pelas obras. Essas formas de expressões são resultados de elaborações psíquicas, que dão forma, por exemplo, à angústia e demais conteúdos internos. Portanto, quando são citadas as expressões artísticas, não se limita à compreensão da interpretação dada pelo artista e de seus conteúdos psíquicos, mas também entra no mérito daquele que aprecia, que se identifica e cria sua própria fantasia através da identificação com a arte consumida, elaborando algumas questões internas e possibilitando reavivar algumas sensações, nomeando aquilo que não foi dito ou consolidado, fortalecendo sua identidade e sua cultura.

3.2 A percepção psicanalítica sobre o mundo artístico

É possível compreender o assunto que relaciona a arte como possível via de expressão e elaboração pela ótica psicanalítica, se valendo de artigos que se propuseram a analisar essa relação. Segundo Nascimento, Neto, Nóbrega, Freud, ao falar da função da arte, também ressalta os aspectos da sublimação e a importância do processo terapêutico para a estabilização das psicoses, nas poucas vezes que falou, o que permite o sentimento de pertencimento dentro de uma cultura e dando-lhes uma cidadania.²⁶

A teoria psicanalítica freudiana, de acordo com Rech e Ketzer, assume a posição de que é possível compreender a relação humana com a arte para além da simples contemplação. Ela também tange ao que concerne a similaridade com os conteúdos do inconsciente, articulando a arte com outros conteúdos psicanalíticos, como chistes, sonhos, e admite uma relação pulsional. Para além disso, a arte tem a necessidade de revelar sentimentos primitivos.⁴ Neto acrescenta que é possível haver a ressignificação do trauma através da arte, mediante o imperceptível processo que ela causa em falar sobre o próprio sujeito e sua singularidade, trazendo como exemplo Frida Kahlo que, depois do seu acidente, encontrou por meio da criação artística formas de demonstrar quem um dia ela queria ser, como também suas angústias e impossibilidades. Sendo imersa de tal forma ao seu conteúdo psíquico, o que acaba ocasionando a valorização da cultura, quase sempre.¹³

A produção artística e o contato com ela é considerada um meio de reparo do trauma, no que diz respeito às ressignificações afetivas. Posto isso, a arte ganha a conotação de potencial via de elaboração. As imagens artísticas não estão apenas presentes em obras, mas se apresentam como formas na memória, nas imagens oníricas, que carregam um teor significativo para cada sujeito. Por meio dos quadros, é possível obter um auxílio na elaboração do sintoma, recordando, através da cena, o conteúdo traumático, que por sua vez carrega uma história passível de debates, diminuindo angústias e sofrimentos pela via da reflexão e contemplação, trazendo a compreensão de que não é um caso isolado, mas algo real e que atinge diversas pessoas, fortalecendo também a identidade cultural, que dá sentido ao sujeito de continuar desejando.⁵

Deste modo, a arte traça um percurso subjetivo para a conciliação daquilo que é um problema real com aquilo que pode ser dado como uma solução, buscando, através das repetições, formas de se reconciliar com o conteúdo, traçar rotas de resoluções mesmo que fantasiosas. Oferecendo um novo caminho e elaborando satisfações fantasiosas para suas pulsões, não renunciando aquilo que lhe é exigido em primeira instância, criando assim realidades objetivas com personagens, tramas ou até mesmo ações, mas sem afetar a realidade material, afirma Souza, com base na teoria freudiana.¹⁰ Kerber, Ferrari e Queiroz complementam que essa realidade material é exatamente aquilo que irá estruturar a vida do sujeito, sob uma análise da sua subjetividade que decorrerá dessa construção artística com base em toda a história que lhe constitui de maneira singular.³

Em contrapartida, Câmara e Herzog debruçam-se nessas formas de expressão com base em Ferenczi, que amplia os conceitos já trazidos anteriormente. Portanto, essa relação pode ser compreendida na visão psicanalítica na medida em que pressupõe que o sintoma traz consigo um desejo o qual não se sustenta na consciência, logo, recalcado, o que resulta na tentativa de escoar por algum meio, que pode ser encontrado na sublimação (camufla-se), por meio de relações simbólicas como formas de expressão.²⁷

De acordo com Garrit e Reis, é possível ver na obra de Freud a conciliação entre sujeito e cultura, de um modo complexo, em que revela o resultado dessa relação subjetiva. A cultura pode ocupar uma posição de saída pulsional, o que demonstra a importância desses mecanismos relacionados à produção cultural para a diminuição e a elaboração do sofrimento do sujeito,⁹ que são suscitados não só durante, mas também no resultado final do processo, elaborando e criando dimensões que conotam a subjetividade da reprodução artística, afirmam Guerra, Moreira e Silva.¹⁴

O pai da Psicanálise inova no campo no que se diz respeito à temática da estética, relacionando o criador com a criação, aquele que contempla e os sentimentos que dessa prática podem surgir. O mesmo se utilizou da literatura para embasar a teoria, já que era compreendido que havia certos dramas humanos nos romances e peças, portanto era possível associar estas vertentes para uma maior compreensão da manifestação da subjetividade do sujeito. Ele via na produção poética, que sua criação advinha de diversas intenções e impulsos, o que permite ser analisada por mais de uma perspectiva e interpretação, afirma Severo.⁸

Em contrapartida, Frayze-Pereira faz críticas aos métodos iniciais de Freud em relação às interpretações das artes, especificamente em Leonardo da Vinci, onde é muito do método interpretativo pressuposto daquele que analisa, sem um contexto clínico e singular do autor. Não descartando que na época os conceitos psicanalíticos ainda estavam em processo de formação, como a sublimação e o narcisismo. Neste contexto, as obras de Da Vinci contribuíram para os estudos psicanalíticos, visto que as obras se tornaram um objeto vocativo para o aprofundamento do conhecimento por parte do psicanalista.²

Para Queiroz, a clínica psicanalítica compreende a angústia como uma experiência constitutiva, que não se cura no termo médico, mas se lida de maneira saudável quando há um debruçar e uma construção terapêutica acerca dessa situação que atravessa o sujeito profundamente. Frente ao conflito interno sinalizado pela angústia, as exigências pulsionais exigem formas de satisfação, como a tendência à autopreservação, o que faz a expressão artística ser uma das vias pelas quais estes conteúdos podem ganhar uma forma organizada e representada, ressignificando aquilo que não tem nome, embora não haja uma plenitude psíquica e essa falta esteja sempre presente em maior ou menor intensidade na experiência do sujeito.¹⁵ Portanto, a arte se mostra como um possível instrumento e meio para essa sistematização interna.

Contudo, os estudos para o presente artigo, com base nas pesquisas acima, apresentam um caminho desde os primórdios dos estudos da psicanálise com a arte; esses dois elementos se unem para uma melhor compreensão do aparelho psíquico e da subjetividade do sujeito, através de mecanismos de repetição dos conteúdos que causaram um trauma, ou de processos mal elaborados na infância. Durante a apreciação das obras de arte, como peças teatrais, percebe-se uma inquietude de Freud ao que tange ao real e à fantasia, e, diante disso, ele começa a dialogar com o campo de forma interpretativa, mas que também serve de arcabouço para sua teoria e criação de novos conceitos. O sujeito se repete através da criação para que o conteúdo psíquico encontre outras formas de escoar a energia que está sendo contida e causando angústia. É pelo viés da arte que a psicanálise se coloca em uma posição de compreensão da subjetividade, interpretando conteúdos inconscientes que emergem a partir da criação.

3.3 Contribuições da arte para a saúde mental.

Frente aos impactos da expressão artística, cabe aqui também descrever os aspectos dessa contribuição para a saúde mental. Agrela e Fátima evidenciam que não é novidade a associação entre arte e terapia, desde pelo menos o século XVII, quando já se observava a intervenção de músicas e contos no processo terapêutico¹.

Guerreiro, Meine, Vestena et al. explicitam que, com a reforma psiquiátrica, o conceito de cuidado nas clínicas mudou e a arte foi um dos caminhos a serem seguidos nesse processo de reabilitação e integração do sujeito, proporcionando novas possibilidades de ser e existir no mundo, assim como revertendo quadros clínicos, como, por exemplo, ansiosos e depressivos. Neste contexto, no Brasil, Nise da Silveira é pioneira nas artes como promoção da saúde mental, promovendo, através da criação de seus pacientes, um olhar reflexivo sobre a vida e as formas de expressão, mostrando também a subjetividade de cada sujeito¹⁷.

Diante desse contexto, Moreira e Simioni resgatam a importância da luta antimanicomial e a trajetória traçada por Nise na humanização desse espaço, tendo como pilar desse movimento as artes, os quadros, pinturas e criações artísticas. As artes visuais, alavancadas por ela nesse período, davam ao paciente potencialidade para compreender sua cidadania e sua forma de expressão. Com esse instrumento, a ideia de dominação e silenciamento foi sendo desconstruída, dando lugar a um espaço de acolhimento, expressão e despadronizando a violência imposta aos pacientes daquela época. Além disso, a arte promove inserção cultural por meio das oficinas e ateliês fundados na época²⁸. Assim como nas exposições em museus, essas obras tendem a procurar conexões entre o espectador e o artista, os quais podem delinear trocas e interpretações, realçam Cavalcante e Liberman²⁹.

É possível observar a utilização das expressões artísticas em oficinas terapêuticas, que são espaços de cuidado transdisciplinar, contando com diversas formas de percurso, sendo uma delas a oficina expressiva,

lugar onde os usuários podem se expressar por meio da arte plástica, como pintura, dança, poesia, teatro e outras modalidades. Cavallini assinala em seus estudos que o terapeuta orienta-se por essa mentalidade, tendo sido inicialmente influenciado por Nise da Silveira, dando prioridade a uma postura de abertura, aceitação e não a modelos pré-estabelecidos que não concebem a subjetividade da pessoa³⁰.

Frente à produção e aos artigos lidos, conclui-se que a expressão artística tem grande potencial na contribuição psíquica, pelos efeitos terapêuticos e pela oportunidade de expressão, que contribuem para o autoconhecimento e para a consideração de si mesmo como pessoa capaz de produzir e se manifestar social e culturalmente. Essa atuação, para além dos modelos tradicionais, possibilita uma maior compreensão da vivência dos pacientes e ajuda significativamente nos seus processos de elaboração de conteúdos internos, resultando na melhora da saúde mental e, conseqüentemente, na forma como lidam com a vida e as situações cotidianas.

4. Conclusão

Levando em consideração as pesquisas feitas anteriormente, foi possível explorar a temática sobre a arte e sua relação com a subjetividade do sujeito, através de sua interpretação das obras, bem como o papel terapêutico na sua vida, auxiliando-o em sua saúde mental. Foram destacadas as possibilidades de uma elaboração psíquica por meio da via artística, como o sentimento de angústia sublimado em alguma obra, permitindo a utilização da arte como instrumento terapêutico. Salientando o quanto do inconsciente do sujeito se manifesta na arte que ele próprio produz, deixando escapar conteúdos recalcados e traumáticos, os quais, por meio da repetição, permitem ao indivíduo escoar a energia que gera angústia, abrindo espaço para novos significados.

Como visto anteriormente, existe uma compreensão da profunda relação entre o campo artístico e sua influência na subjetividade do sujeito através da fantasia. A via artística mostrou-se como resultado de elaborações psíquicas, de conteúdos que foram recalcados, sendo possível demonstrar o diálogo entre a ótica psicanalítica e a arte, permitindo uma compreensão mais aguçada do aparelho psíquico e da subjetividade do sujeito, por meio da repetição de processos mal elaborados na infância, que causam angústia. É por meio da arte que a psicanálise assume uma posição de compreensão da subjetividade, interpretando conteúdos inconscientes que emergem a partir da criação.

Compreende-se que a manifestação artística tem grande relevância para uma contribuição psíquica, por seus efeitos terapêuticos e pela possibilidade de expressão, que auxiliam no autoconhecimento e na consideração de si mesmo, como uma pessoa que possui uma autonomia capaz de produzir e se manifestar socialmente e contribuir com a cultura.

Na visão psicanalítica sobre este assunto, ressaltou a maneira como esse conteúdo é revelado e o que ele deseja comunicar. Mesmo que a arte, por vezes, se mostre única e subjetiva, o inconsciente realiza a repetição para que o sujeito escoe a energia contida, geradora de angústia, e possa ressignificar aquele conteúdo de forma mais aceitável e suportável para o ego. Observa-se que essa percepção da relação com a arte pode ser relevante para a saúde mental do indivíduo, evidenciada pela experiência que os pacientes têm ao se expressarem livremente por meio da arte, sendo fonte de alívio e manifestação própria, bem como pelo reforço da identidade cultural proporcionado pelos trabalhos artísticos de outros sujeitos, resultando em efeitos terapêuticos.

Embora o resultado deste estudo tenha sido satisfatório, foram observadas dificuldades e limitações inerentes à pesquisa. Ao escolher a abordagem qualitativa, com foco em revisão bibliográfica, houve dificuldade em encontrar artigos recentes que abordassem integralmente a temática aqui pesquisada. A falta de estudos atualizados pode influenciar na medida em que o assunto é compreendido na contemporaneidade, restringindo-se a uma visão mais antiquada.

Frente a essa dificuldade, ainda sim houve grande esforço por parte da equipe na busca por estudos recentes, os quais possibilitam oportunidades para novas linhas de pesquisa, criando uma ponte teórica e prática entre a experiência das pessoas com a arte e a elaboração de seus conteúdos internos.

5. Referências

- ¹ Andrade EA, Fátima M. Arte como estratégia de cuidado para a saúde mental. *Rev Cordis*. 2023;2.
- ² Frayze-Pereira, João A. Estudo controverso permitiu a Freud pensar a psicanálise com Da Vinci: psicanálise aplicada, psicanálise implicada. vol 55. *Rev.bras.psicanálise*; 2021
- ³ Kerber LA, Ferrari LB, Queiroz VP. Fantasia, sublimação, criação artística: interações entre psicanálise e arte. *Contemp J*. 2024;4.
- ⁴ Rech M, Ketzer EN. A irrepetibilidade da arte. *Psicol USP*. 2020;3.
- ⁵ Alves LO, Borges LM, Marsillac ALM. Elaboraões do traumático através da arte: refúgio, cultura e memória. 2022.
- ⁶ Freud S. *Compêndio da psicanálise*. 1ª ed. Porto Alegre: L&PM; 2019.
- ⁷ Monteiro CS, Motta BFB. Arte, expressão e terapia: uma revisão de literatura na promoção da saúde mental. *Cad Psicol*. 2024;6(10):317-335.
- ⁸ Severo, A. Freud, Winnicott e criatividade. - Vol.3. *Pensamento Contemporâneo Psicanálise e Transdisciplinaridade*;2023
- ⁹ Garrit, M. Reis, V. Sublimação: um possível contorno para o mal estar contemporâneo. N34. *Saber Acadêmico*; 2022.
- ¹⁰ Souza PF de. A posição da poesia na teoria freudiana: o ato do poeta entre o particular e o universal. *Ágora*. 2023.
- ¹¹ Freud, S. O Ego e o Id e outros trabalhos. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*

- Rio de Janeiro: Imago. 1996.

¹² Zimerman, D E. Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica - uma abordagem didática/ David E; Zimerman. — Porto Alegre: Artmed, 1999.

¹³ Barbosa N - Trauma e Arte: do vazio à elaboração de sentido. 20 vol. Revista subjetividades, 2020.

¹⁴ Guerra AMC, Moreira JO, Silva AC. Narrativas memorialísticas e arte na cena da pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais. *Psicol Estud.* 2022.

¹⁵ Queiroz PJ. Em psicanálise, a angústia tem lógica? Introduzindo uma leitura lógica modal da angústia na direção do tratamento. 2024

¹⁶ Lima AIB, Oliveira EC, Bandeira SR. Psicologia da arte: a arte de Frida Kahlo na formação do psiquismo sob a perspectiva histórico-cultural de Vigotski. *Rev Tempos Espaços Educ.* 2022;15

¹⁷ Guerreiro C, Meine IR, Vestena LT, Silveira LA, Silva MP, Guazina FMN. A arte no contexto de promoção à saúde mental no Brasil. *Res Soc Dev.* 2022;11(4).

¹⁸ Creswell JW, Creswell DJ. Projeto de pesquisa – 3.ed.artmed; 2010. 29

¹⁹ Flick U. Introdução à pesquisa qualitativa – 3.ed.artmed; 2008.

²⁰ Carvalho LDR, Carvalho AM. A relação entre arte e vida em Vigotski: uma análise conceitual. *Psicol Cienc Prof.* 2023;43.

²¹ Martines EAL de M, Azevedo SR de S, Leme MI da S. A arte na (re)construção da identidade de adolescentes em uma escola do campo. *Psicol Esc Educ.* 2022;26.

²² Oliveira DJ. O papel dos símbolos artísticos em Susanne Langer e Nise da Silveira. *Annales FAJE.* 2023;8(2)

²³ Leite S, Kublikowski I. Arte-testemunho em Nazareth Pacheco. *Psicologia & Sociedade.* 2023;35.

²⁴ Marques PN, Moschkovich D. A questão das emoções e da vivência estética: o diálogo entre Vigotski e Stanislávski em torno da psicologia do ator. *Pro-Posições.* 2023;34

²⁵ Stubbs R, Teixeira FF, Galindo D. Experiências e apontamentos para a pesquisa em Psicologia baseada nas Artes. *Psicologia & Sociedade.* 2020;32.

²⁶ Nascimento ZA, Neto AAL, Nóbrega TP. Corpo, arte e loucura em Arthur Bispo do Rosário. *Psicologia USP.* 2022;33

²⁷ Câmara L, Herzog R. Ferenczi e a constituição das formas de expressão. *Psicol USP.* 2022;33

²⁸ Moreira REA, Simioni RL. Arte, direito e psicologia na trajetória de Nise da Silveira e seus reflexos na luta antimanicomial. *Ratio Juris Rev Eletrôn Grad Fac Dir Sul Minas.*

²⁹ Cavalcante L, Liberman F, Garcia ML. Visita a exposições artísticas: considerações acerca da recepção estética. *Fractal: Revista de Psicologia.* 2022;34

³⁰ Cavallini FM. CAPS, ateliês e oficinas: artes no mundo, mundos na arte. *Fractal: Revista de Psicologia.* 2020;32(1):40-45.